

## ● Questões e razões



# Como Pinóquio APRENDEU A LER

*Na escola, Pinóquio aprendeu a ler, mas não se transformou num leitor. Isto porque, apesar de ter aprendido a descodificar o alfabeto, não aprendeu a ler em profundidade. O que faltaria a Pinóquio para aprender a ler de uma forma que lhe permitisse pensar? Foi esta a pergunta que o argentino Alberto Manguel, ensaísta, tradutor e editor, deixou, no fim da comunicação que proferiu no Seminário Internacional sobre Bibliotecas Escolares, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Setembro.*

Texto de **Alberto Manguel**,  
adaptado por **Teresa Fonseca**

A primeira vez que li *As aventuras de Pinóquio*, de Carlos Collodi, foi há muito tempo, em Buenos Aires, quando tinha oito ou nove anos. Era uma tradução em castelhano, de fraca qualidade, com os desenhos originais de Mazzanti, a preto e branco.

Não o sabia na altura, mas hoje creio que *As aventuras de Pinóquio* me encantaram porque são aventuras de aprendizagem. A saga do boneco representa a educação de um cidadão, o antigo paradoxo de alguém que deseja ser membro da sociedade mas, ao mesmo tempo, quer descobrir quem é na realidade. Pinóquio quer ser “um menino de verdade”, mas não um menino qualquer, não uma versão obediente do cidadão ideal. Pinóquio quer ser o que é, por baixo da madeira pintada. Por azar não o consegue. Pinóquio converte-se num bom menino que aprendeu a ler, mas não num leitor.

Desde as primeiras páginas, Collodi cria um conflito entre Pinóquio, o rebelde, e a sociedade da qual quer fazer parte. Na sociedade de Collodi, a educação requer sacrifício, sendo

a escola o lugar onde se começa a demonstrar que se é responsável.

O primeiro passo para Pinóquio se converter em cidadão é aprender a ler. Mas o que significa aprender a ler?

#### APRENDER A LER IMPLICA:

- Primeiro, a aprendizagem do processo mecânico do código de escrita no qual está codificada a memória de uma sociedade;
- Segundo, a aprendizagem da sintaxe pela qual esse código se rege;
- Terceiro, a aprendizagem da forma como as inscrições nesse código servem para conhecer, de uma maneira profunda, imaginativa e prática, a nossa identidade e o mundo que nos rodeia.

Esta terceira aprendizagem é a mais difícil, a mais perigosa e a mais poderosa – é aquela que Pinóquio nunca alcançará. Todo o género de pressões – as tentações com que a sociedade o afasta da sua meta, as troças e os ciúmes dos companheiros, os conselhos frios dos seus guias morais – criam a Pinóquio uma série de obstáculos quase insuperáveis para se converter em leitor.

#### PRIMEIRO O ESTÔMAGO, DEPOIS OS LIVROS

Numa sociedade democrática, antes de se considerar a possibilidade de se aprender a ler, as leis têm de permitir satisfazer um certo número de necessidades básicas: alimentação, habitação e cuidados de saúde.

Num ensaio sobre a sociedade e a aprendizagem, Collodi expressou a seguinte opinião sobre a intenção de os republicanos estabelecerem um sistema de



**“A gente não sabe o tempo e o esforço que são necessários para aprender a ler. Eu tento-o há oitenta anos, e não posso afirmar que o tenha conseguido”.**  
Goethe, *Conversações com Eckermann*

escolaridade obrigatória em Itália: “... até agora temos pensado mais na cabeça do que no estômago das classes que sofrem e têm necessidades. Agora pensemos um pouco mais no estômago”.

Pinóquio, a quem a fome não era desconhecida, tem consciência plena desse primeiro requisito. Quando imagina o que faria se tivesse cem mil moedas e se se convertesse num cavaleiro endinheirado, sonha com um lindo palácio com uma biblioteca “cheia de frutas caramelizadas, pastéis, bolos de manteiga, tartes de amêndoa...”. Os livros, como bem sabe Pinóquio, não servem para alimentar um estômago com fome.

Apesar de a sociedade estabelecer um sistema para satisfazer esses requisitos básicos e para instaurar a educação obrigatória, oferece ao mesmo tempo distrações, entretenimentos que não requerem pensamento nem esforço.

A sociedade não estimula uma busca necessária da dificuldade, um aumento da experiência. Uma vez que Pinóquio aceitou a escola e se converteu num bom aluno, os outros meninos começam a atacá-lo por ser o que hoje em dia chamaríamos “um marrão” e riem-se dele por “prestar atenção ao professor”. “Falas como um livro!”, dizem-lhe.

A linguagem pode permitir ao falante permanecer na superfície do pensamento, repetindo *slogans* dogmáticos e lugares comuns a preto e branco, transmitindo mensagens em vez de significado, pondo o peso epistemológico no ouvinte (como na frase “já sabes a que me refiro”), ou pode ajudá-lo a recriar uma experiência, a dar forma a uma ideia, explorando-a em profundidade. Para os outros meninos essa distinção é invisível. Para eles, o facto de Pinóquio falar “como um livro” é suficiente para o marginalizarem, o considerarem como um traidor, um preso na sua torre de marfim.



A sociedade, finalmente, põe no caminho de Pinóquio um certo número de personagens que devem servir-lhe de guias morais: o grilo que Pinóquio esmaga contra a parede sobrevive milagrosamente para o ajudar mais tarde; a Fada Azul que lhe aparece em pesadelos sob a forma de uma bela menina de cabelos azuis; o atum, que diz a Pinóquio, depois de o monstro marinho os ter engolido a ambos, “aceita a situação e espera que o tubarão nos digira aos dois”. Mas todos estes “professores” abandonam Pinóquio, estando pouco dispostos a fazer-lhe companhia nos momentos de angústia. Nenhum lhe ensina a reflectir sobre a sua própria condição, sobre o que significa o seu desejo de “converter-se em menino”.

Apesar de todas estas limitações – as diversões, o desdém e o abandono –, Pinóquio consegue subir os dois primeiros degraus da escada da aprendizagem da sociedade: aprende o alfabeto e aprende a ler um texto superficialmente, parando nesse ponto. A partir desse momento, os livros convertem-se em lugares neutros onde se exercita esse código aprendido com o objectivo de extrair uma moral convencional no final. A escola preparou-o para ler propaganda.

Uma vez que Pinóquio não aprendeu a ler em profundidade, a entrar num livro e a explorá-lo até aos seus limites, ignorará sempre que as suas aventuras têm fortes raízes literárias. Não vendo os livros como fontes de revelação, estes nunca lhe irão devolver a sua própria experiência reflectida. A única coisa que pode fazer é recitar, como um papagaio, o texto do manual. Assimila as palavras que estão na página, mas não as digere: os livros não passam a ser verdadeiramente seus, porque ele, no final das suas aventuras, continua incapaz de os aplicar à sua experiência. A aprendizagem do alfabeto leva-o, no último capítulo, a assumir uma identidade humana e a olhar o boneco que foi, com satisfação. Mas, num volume que Collodi jamais escreveu, Pinóquio continua a ter de enfrentar a sociedade com uma linguagem imaginativa que os livros lhe poderiam ter ensinado através da memória, da associação, da intuição e da imitação. A partir da última página, Pinóquio está pronto para aprender verdadeiramente a ler.

### DO QUE ESTÁ ESCRITO NO PAPEL À INTERPRETAÇÃO DO LEITOR

A experiência de leitura do Pinóquio é exactamente oposta à de uma outra heroína – Alice. No mundo de Alice, a linguagem recupera a sua ambiguidade essencial e qualquer palavra pode usar-se para dizer o que o falante deseja. Mesmo que Alice recuse essa arbitrariedade, esta epistemologia irreflectida é a norma no País das Maravilhas. Enquanto no mundo de Pinóquio o significado de uma história impressa é inequívoco, no mundo de Alice o significado de qualquer palavra depende da vontade do seu leitor. Quando falo em “aprender a ler” refiro-me a algo que se encontra entre estes dois estilos e filosofias. A escola de Pinóquio responde às restrições da escolástica que, até ao século XVI, era o método oficial de aprendizagem na Europa. Na aula escolástica, supunha-se que o estudante devia ler como ditava a tradição, seguindo análises pré-estabelecidas que se aceitavam como autoridade.

O método de Humpty Dumpty é um exagero das interpretações humanistas, um ponto de vista revolucionário segundo o qual os leitores devem abordar o texto nas condições impostas pelos próprios. Umberto Eco limitou esta liberdade do leitor ao notar que “os limites da interpretação coincidem com os limites do sentido comum”, ao que supostamente Humpty Dumpty poderia responder que o que é sentido comum para Umberto Eco pode não ser para ele. Mas, para a maioria dos leitores, o conceito de “sentido comum” é suficientemente claro.

“Aprender a ler” consiste então em adquirir os meios para se apropriar de um texto (como o faz Humpty Dumpty) e também em tomar parte das apropriações dos outros (como sugeria o professor do Pinóquio). Neste campo ambíguo entre a posse e o reconhecimento, entre a identidade imposta por outros e a identidade que o próprio descobre, encontra-se, segundo creio, o acto de ler.

### O GRANDE DILEMA DA ESCOLA

Há uma grande contradição no sistema escolar. Uma sociedade precisa de dar a conhecer os seus códigos aos cidadãos, de modo a que estes possam participar activamente na mesma; mas o conhecimento desses códigos, para além da mera capacidade de decifrar um *slogan* político, um anúncio publicitário ou um manual de instruções básicas, permite a esses mesmos cidadãos questionar essa sociedade, deixar a descoberto os seus males e tentar uma mudança. No mesmo sistema que lhe permite funcionar em sociedade encontra-se o poder de subvertê-la, para melhor ou para pior. Deste modo, a pessoa a quem essa sociedade atribui a tarefa de ensinar aos seus novos membros os segredos dos vocabulários partilhados converte-se, na realidade, num perigo, num Sócrates capaz de corromper os jovens, alguém que deve, por um lado, continuar a ensinar indefectivamente e, por outro, submeter-se às leis da sociedade que lhe atribuiu essas funções. Submeter-se, inclusivamente, até à auto-destruição, como aconteceu com Sócrates.

Para questionar o funcionamento da sociedade, necessitamos de aprender a ler de outra maneira, de forma diferente, que nos permita aprender a pensar.



Um professor encontra-se perante um dilema: ensinar para que os alunos pensem por sua conta, ou ensinar de acordo com uma estrutura social que impõe um limite ao pensamento? A escola, tanto no mundo de Pinóquio como no nosso, não é um local para tornar as crianças melhores e mais plenas, mas um lugar de iniciação ao mundo dos adultos, com as suas convenções, os seus requisitos burocráticos, os seus acordos tácitos e o seu sistema de castas.

Em certas sociedades nas quais o acto intelectual possui um prestígio próprio, como nas sociedades indígenas, é mais fácil ao professor cumprir as suas obrigações, visto que nessas sociedades a maior parte das actividades estão subordinadas ao acto de ensinar. Mas noutras, como na Europa e na América do Norte, por exemplo, o acto intelectual não tem tanto prestígio e os valores são sobretudo económicos. Elogia-se a alfabetização e celebram-se os livros em actos oficiais, mas nas escolas, por exemplo, o financiamento é insuficiente. Além disso, na maior parte dos casos investe-se mais em equipamentos electrónicos, com a desculpa de que o suporte electrónico é mais barato e mais duradouro do que o papel. Como consequência, as bibliotecas estão a perder terreno.

### APRENDER A LER PARA APRENDER A PENSAR

Educar é um processo lento e difícil, dois adjectivos que na nossa época se converteram em defeitos em vez de elogios. Hoje em dia, parece quase impossível reconhecer os méritos da lentidão e do esforço deliberado. Na verdade, Pinóquio só pode aprender a ler se não tiver pressa e só se converterá num indivíduo pleno através do esforço requerido para aprender. Quer seja na época de Collodi, com os textos que os alunos repetem como papagaios, quer na nossa, com grande quantidade de informação, é bastante fácil ser superficialmente letrado, seguir uma comédia televisiva, entender a mensagem de um anúncio publicitário, ler um *slogan* ou usar um computador. Mas para chegar mais longe e de uma forma mais profunda, para ter a coragem de enfrentar medos, dúvidas e segredos ocultos, para questionar o funcionamento da sociedade, necessitamos de aprender a ler de outra maneira, de forma diferente, que nos permita aprender a pensar. Talvez Pinóquio se converta num rapaz no final das suas aventuras, mas a verdade é que continuará a pensar como um boneco. ::